

A Sedução do techno-sublime do mundo contemporâneo

Dentro do Nevoeiro

Guilherme Wisnik

Editora UBU, 1ª edição, 2018

Julia Frenk

Aluna Arquitetura e Urbanismo PUC-Rio

Contato: juliafrenk@hotmail.com

Dentro do Nevoeiro, último lançamento do arquiteto, urbanista e professor da FAU-USP Guilherme Wisnik, resultado de sua pesquisa e tese de doutorado defendida em 2012, retrata as aproximações entre arte, arquitetura e tecnologia sob a luz das mudanças de paradigma instauradas na pós-modernidade, sem perder de vista as questões políticas, éticas e estéticas que pautam as discussões, reforçando ainda o caráter difuso e volátil dessas abordagens.

Com uma escrita assertiva, Wisnik nos lança à incerteza do mundo contemporâneo, assumindo-a como um caminho possível. A narrativa de “Dentro do Nevoeiro” se estrutura, portanto, através da relação intrincada entre a contemporaneidade e os fatos históricos que a antecederam, em uma sequência, nem sempre cronológica, pontualmente marcada por crises e rituais de destruição.

E é por meio da destruição que percebe a materialização fulminante do nevoeiro como reflexo de uma violência recalcada intrínseca às relações capitalistas que estamos inseridos, irrompendo de maneira trágica o cotidiano e levantando abruptamente nuvens de fumaça acinzentada. Não é à toa que a capa do livro é um retrato da queda das Torres Gêmeas no 11 de Setembro, entendido por ele como uma representação contemporânea do sublime.

Além disso, é através da tecnologia que se desmaterializam as relações humanas, por meio da pulverização predatória do capital financeiro, da massificação

Pedro Britto

Aluno Arquitetura e Urbanismo PUC-Rio

Contato: pedro.tsbc@gmail.com

da informação e das novas manifestações do espaço, como o ciberespaço e o hiperespaço, onde os limites se tornam mais fluídos, cambiantes e impermanentes.

Tanto a arquitetura quanto a arte se dispõem como possibilidades para interpretar essas relações, colocando em questão a lógica da materialidade, imagens fixas e completas, e fundando relações mais fluídas. Relações essas que são amplificadas e repercutidas por meio da tecnologia numa manifestação estética que transita entre sentidos dúbios, nebulosos, ao fazer uso de estruturas metálicas, peles translúcidas, espaços anoréxicos e contornos borrados.

Da financeirização latente à sua pulverização global no hiperespaço da nuvem, somos expostos permanentemente em uma névoa intensa e difusa. E sob ela nem sempre somos capazes de perceber a violência que se faz presente no nosso tempo, materializada de maneira turbulenta e translúcida. E é justamente isso que Wisnik traz à tona.

Tudo se torna variável, ambíguo e nem por isso o autor parece querer desenhar contornos claros. Ao contrário, com comparações diretas entre cultura pop e arte contemporânea, modernidade e bossa nova e, até mesmo, Radiohead e SANAA, ele estrutura a narrativa a partir do nevoeiro, e se assume enquanto um narrador incontestavelmente inserido nessa condição, em uma leitura livre de literais juízos de valor, sejam eles arquitetônicos, artísticos ou tecnológicos.